

CASTILHO, A. T. de. *A Língua Falada no Ensino do Português*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004. 160 p.

## A LÍNGUA FALADA NO ENSINO DO PORTUGUÊS

Elizangela Maria dos Anjos<sup>1</sup>

[elizangela.anjos@itelefonica.com.br](mailto:elizangela.anjos@itelefonica.com.br)

O livro *A língua falada no ensino de português*, de Ataliba de Castilho, professor da Universidade de São Paulo (reeditado em 2004 pela editora Contexto, a mesma da primeira edição, em 1998), inicia-se por uma reflexão em torno da Análise da Conversação e a sua aplicação no Ensino Médio e Fundamental.

A obra, em suma, é uma aula, desenvolvida em pouco menos de 160 páginas. Não é pouca, portanto, sua importância, tomando a concepção elevada de aula como fez Barthes. Obra preliminar, mas profunda, acessível ao leitor-professor. Quase inseri aqui a palavra *leigo*, mas não é o caso. Há de ser professor para ter dela um bom aproveitamento. Voltado mais à *práxis* do que à teoria, a obra abre perspectivas para novas leituras, inclusive há indicações.

Sabemos que a língua falada é um recurso rítmico e melódico, repleto de entonação, pausas, gestos etc. Não é possível pensar em outra forma de comunicação quando se pensa na fala. No desempenho oral, e no texto que dele provém diretamente, existem marcas específicas como comentários metalingüísticos e marcadores discursivos que não são encontrados no texto escrito. É evidente, portanto, constatar a dicotomia entre a *língua escrita como linguagem formal* e *língua falada como linguagem informal*. Preti, Motta, Ingedore, entre outros teóricos, partem desta diferença: textos que trazem marcas da oralidade e texto escrito no plano do letramento que, por fim, são duas práticas sociais. Está instaurado um impasse de proporções gigantescas. O

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS)

professor Castilho nos dá a medida de tal impasse: por um lado, o privilégio da norma culta que deve estar inserida na língua escrita como linguagem formal; por outro, o avanço da sociedade (crise social, urbanização desenfreada etc.) em outro sentido: o predomínio da língua falada sobre a escrita. A sala-de-aula se transforma em um campo de batalha epistemológico em que ambos os exércitos caem vencidos. Não é fácil ver saída. O alunado se distancia dos modelos. No entanto, a sugestão apresentada por Castilho se coaduna perfeitamente ao processo reflexivo encaminhado na obra em questão: os professores têm que prever novos modelos de *o que é ensinar, como ensinar, para que ensinar e para quem ensinar*. Uma ambiciosa mudança de paradigmas. A curto prazo, o conselho de Castilho é não enfatizar a questão sob a dicotomia do certo e do errado, mas contemplar as possibilidades de comunicação, considerando o dinamismo da linguagem.

A obra dá atenção aos ingredientes do processo. Talvez nem fosse preciso enumera-los aqui pela ênfase que muitos pesquisadores tem dado às distorções que permanecem. Fazemo-lo em função da presteza articulatória entre eles, promovida por Castilho: o material didático que permanece apesar de claramente ineficiente; os baixos salários dos professores que o levam ao desinteresse pela profissão; a deficiência da formação professoral. Na verdade, um complexo que se articula e compromete o sistema.

Interessante apontar como Castilho chama a atenção do fenômeno lingüístico. O efeito é inserir o leitor mais agudamente na problemática que se desdobra para o político, o social e o antropológico. Ele apresenta os três módulos da língua natural: semântico (sentido), discursivo (os sujeitos implicados na situação de enunciação) e gramatical (fonologia, morfologia e sintaxe) que são interligadas pelo léxico. Aponta os passos primeiros da conversação, explica a consideração da **atividade dinâmica**, e fala de algumas formas de conquista de um *corpus* falado. Fundamenta uma análise da conversação, mostrando as formas conversacionais, o princípio de projeção interacional, a manutenção e a passagem de turno, o sistema de correção, os pares adjacentes e os marcadores conversacionais. Também explica os textos considerando as suas reproduções de conversações. Os textos são construídos por três movimentos: reativação, ativação e desativação, sendo através destes movimentos, que são propriedades gramaticais do léxico e semântica, que se dá a construção de um texto em sua modalidade falada.